

# **INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL**

**Projeto de Digitalização do Acervo da Divisão de Folclore  
desenvolvido pelo Departamento de Apoio a Projetos de Preservação  
Cultural**

## **As aves no folclore fluminense**

**Pesquisa realizada pela Divisão de Folclore em 1978**

**Pesquisa e redação**

Célia Regina Moreira Pimentel  
Ricardo Gomes Lima

**Pesquisa bibliográfica**

Carlos Djalma de Assis

**Coordenação geral**

Cáscia Frade

**Pesquisa digitalizada em agosto de 2004**

**Coordenação**

Augusto Vargas

**Projeto gráfico**

Augusto Vargas  
Danielli Moraes  
Marilda Campos

**Revisão do texto**

Marilda Campos

**Ilustração da capa**

Augusto Vargas

**GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

Rosinha Garotinho

**SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA**

Arnaldo Niskier

**INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL - INEPAC**

Marcus Monteiro

**DEPARTAMENTO DE APOIO A PROJETOS DE PRESERVAÇÃO CULTURAL**

Augusto Vargas

**DIVISÃO DE FOLCLORE**

Delzimar Coutinho

# As aves no folclore fluminense



*Canta o pombo rouxinol,  
beija-flor, o concri,  
pica-pau, o bem-te-vi,  
ciriema, o corió,  
pintassilgo, o socó,  
periquito, rola, xanxão,  
Sabiá e o canção  
No romper da madrugada  
Canta alegre a passarada  
Quando chove no sertão.”*

(Cordel A passarada do sertão.  
Severino Cândido - “Peito de Aço”)



# Sumário

## 1. INTRODUÇÃO

## 2. AS AVES E A VIDA HUMANA

- 2.1 Estórias e crendices
- 2.2 As aves e as expressões populares
- 2.3 As aves e os artistas populares

## 3. CONCLUSÃO

## ANEXO I. CLASSIFICAÇÃO DAS AVES

- 1. Classificação científica
- 2. Classificação popular

## ANEXO II. GLOSSÁRIO

## BIBLIOGRAFIA



# Introdução

Ao se fazer o levantamento da fauna ornitológica do Estado do Rio de Janeiro constituíram nosso principal interesse o sistema de classificação, as formas de apresamento e trato, as credices, as expressões, as estórias e a produção artesanal através de manifestações folclóricas e lingüísticas, como a elaboração de poesias, ditados, provérbios, credices, buscou-se apreender todo dinâmico campo do saber desta relação, que é merecedor de registro. O próprio apresamento dos pássaros, que vai desde a construção do alçapão à construção da gaiola, ganha características artísticas próprias no Estado.

Inicialmente selecionaram-se duas áreas para o desenvolvimento do trabalho de campo. Uma constituída pelos municípios litorâneos de Araruama, Saquarema, São Pedro de Aldeia, Cabo Frio e Macaé. A outra área compreendia municípios serranos como São Sebastião do Alto, Sumidouro, Carmo e Cantagalo. Pretendia-se estabelecer os paralelos e as diferenças da fauna na região litorânea de terras baixas, caracterizadas pela restinga de flora e fauna próprias, e na região serrana, onde ainda se encontram grandes matas e mais probabilidades de uma fauna específica.

Com o decorrer da pesquisa, entretanto, essa proposição teve de ser abandonada na medida em que não se constatava na prática tal classificação no discurso dos informantes. Estes estavam preocupados em classificar os pássaros, nos "de gaiola", nos "de cativeiro", ou em passarinhos "quentes" e "frios". De modo geral, não opunham "pássaros de brejo" a "pássaros de serra". Além disso, outros municípios, como Paraíba do Sul e Bom Jesus do Itabapoana, que são de planície, localizados em extremos opostos do Estado e, portanto, fora das áreas anteriormente delimitadas, foram incluídos na pesquisa graças às facilidades encontradas de dinamização do levantamento. Dados referentes a outros municípios foram ainda incorporados, uma vez que o conhecimento dos Informantes não estavam restrito à localidade onde residia, abrangendo área muito mais extensa.

Nas entrevistas, os informantes geralmente desculpavam-se de não possuir conhecimento suficiente sobre, pássaros. No entanto, prosseguindo na entrevista, os "causos", as credices e as expressões iam brotando, e todos tinham um pouco a contar sobre o mundo das aves. Nos discursos, muito nos era revelado. Por exemplo, soubemos que pássaro e ave são categorias pouco definidas e facilmente confundidas frente a exemplares específicos como seriema, jacu, coruja e outros, sempre referidos como passarinho ou pássaro. Assim é que, no decorrer do trabalho utilizamos os termos pássaro e passarinho para designar muitas vezes, espécimes específicas de aves. Empregaremos aqui as categorias do sistema de classificação do próprio grupo pesquisado. Do mesmo modo, o morcego é descrito como um passarinho, acreditando-se que "já foi rato que quando ficou velho virou passarinho".

Para tudo isso, recorre-se sempre ao saber dos mais velhos como fonte de legitimidade do que é dito. Os "antigos" surgem, então, como detentores do

conhecimento relativo às aves, sendo citados a todo momento em defesa de teses, através de expressões como "meu pai dizia que"... "no tempo de meu avó"... O "tempo antigo" é também Invocado pelos gaioleiros, segundo os quais "antigamente fazia-se gaiolas mais para mostrar habilidade, não era para comercializar. Antigamente, a pessoa que gostava de pássaros fazia a gaiola, caçava... agora a pessoa compra tudo".

A presença de dois pesquisadores em campo, embora trabalhando em municípios diferentes, foi de grande proveito na discussão da natureza dos dados coletados, no controle nas condições geral» da pesquisa. A pesquisa reflete não só o trabalho de campo propriamente dito, e como ele se processou, mas todo contexto, toda situação vivida pelos grupos pesquisados.

## As aves e a vida humana

As aves tem servido de matéria-prima com o qual o homem trabalha na busca da manifestação de seus valores, sentimentos e anseios. A partir da observação de hábitos, Características físicas, canto, etc.. esta parcela da vida animal constitui junto ao saber popular vasto universo de histórias, crendices, cantigas e expressões ligadas a múltiplos e diferenciados aspectos da : vida humana. Ao atribuir às aves caracteres que são próprios dos seres humanos, ao classificá-las em aziagas ou alvissareiras, o homem, ao mesmo tempo em que ordena a natureza, dotando-a de classificações, cria um repertório explicativo para seus próprios infortúnios e êxitos.

Assim como formas de comportamento, tipos e características humanas são imputadas às aves, outorgando-lhes cultura e humanidade, por outro lado, a observação dos hábitos da fauna tem conduzido à formulação de expressões que, transpostas para a vida humana, assumem outro significado resultando daí preceitos éticos e morais, e guias de conduta humana que se revelam em estórias, crendices, expressões e cantigas de nosso povo.

### Estórias e crendices

#### Andorinha

"É um passarinho bom que adivinha chuva. Quando ela começa a voar é porque vai chover". (Paraíba do Sul) "É da igreja, se pegar dá azar". (Paraíba do Sul)



## Anum ou anu

"Quando o bando está se alimentando fica sempre um como sentinela, em cima de uma árvore, no local mais alto. Se aparece outra espécie de animal, dá um piado e todos voam, sabem que é sinal de perigo. O 'sentinela' é 'rendido' por um outro para que se alimente também. Alimentam-se de Insetos, formigas. Quando há queimada na mata, onde tem anuns, eles vão de encontro ao fogo, à fumaça, e se jogam no meio pra pegar os insetos que vêm ali dentro." (Saquarema)

"O ninho é grande e fundo, construído em cima das árvores altas. Põem em camada, isto é, o grupo todo põe em um único ninho. Enchem uma parte, cobrem com folhas secas. Põem por cima daquela, tornando a cobrir. Assim até encher o ninho. Os ovos que ficam embaixo, apodrecem e os últimos conseguem ser aproveitados." (Saquarema)

"O anum traz mau agouro". (Paraíba do Sul, Macaé e Cantagalo)

"O anum branco quando canta, pode contar que morreu alguém por perto". (São Sebastião do Alto)

"A moela torrada do anum preto cura bronquite". (Saquarema e Cabo Frio)

A criança passando da Idade de falar, é bom que se dê ovo cozido de anum para ela comer. Falará rapidamente' (Araruama)



## Beija-flor e colibri

"É passarinho de Deus, não pode pegar." (Carmo)

"Beija-flor dá azar." (Paraíba do Sul)

"Beija-flor faz a casa e 'véve' na igreja".( Paraíba do Sul)

"Beija-flor entrando na casa da gente traz felicidade". (Carmo)

"Colibri entrar dentro de casa traz azar". (Macaé)



## Bem-te-vi



"Prenuncia tempestade, dependendo do modo como canta. Se alegre, é sol; se triste, chuva." (Cabo Frio)

## Cambaxirra

"Se a cambaxirra pousar na gaiola, não pega mais passarinho". (Macaé)

"A garrincha (cambaxirra) joga praga".

(geral)

"Se a criança joga pedra com atiradeira numa garrincha, a atiradeira arrebenta. É praga de garrincha". (Macaé)

"Se alguém joga pedra na carriça (cambaxirra) e não consegue matá-la, recebe uma praga, atraso de vida". (Bom Jesus do Itabapoana)

"A carriça abandona o ninho se alguém mexe nele". (Bom Jesus do Itabapoana)

"Se alguma criança judiar, prender ou matar uma cambaxirra, perde de ano no colégio." (Paraíba do Sul)

"O casal de carriça não se separa. Quando um morre, o outro morre também". (Bom Jesus do Itabapoana)

"A cambaxirra atrai cobra pra dentro de casa. Como ela gosta de fazer ninho no forro de casas antigas, é preciso imediatamente tirar". (Bom Jesus do Itabapoana)



## Coruja



"A coruja traz mau agouro", (geral)

"A coruja traz mau aguro: morte na família da casa onde ela canta próximo". (Saquerema, Carmo e Macaé)

## Cóvo-còvo ou papo d'agua

"É difícil aparecer, não se fixa em lugar nenhum, faz uma passagem pelos lugares." (Cabo Frio, Araruama, Saquarema)

"É um passarinho de Natal. Todo Natal ele aparece." (Cabo Frio, Araruama e Saquarema)



"É ave de mau agouro, atrai a morte".  
(Saquarema e Araruama)

### **Gavião-cóva (deus quê um)**

"Fica os dois sentados na cerca, Um grita: Deus quê um. O outro responde: cova. Chama desgraça ' (Paraíba do Sul)

"É uma ave agourenta." (Macaé)

"Quando canta próximo a uma casa, vai morrer alguém. Atrai morte."  
(Bom Jesus do Itabapoana)

### **Guaxe**

"Constrói seu ninho em beira de rio, quase sempre na mesma árvore, em lugar difícil de se chegar. Ele o constrói a partir de uma certa altura. Se houver enchente naquele ano (o ninho é construído no início do ano) jamais ultrapassará a altura daquele ninho, que estará garantido contra a enchente."  
(Bom Jesus do Itabapoana)

"Seu canto é produzido pelo movimento das penas das asas " (São Sebastião do Alto)

### **João-de-barro**

"O João-de-Barro é muito ciumento. Quando ele sente que a mulher o está traindo com outro, aguarda que ela entre no ninho e põe barro na passagem, deixando-a morrer lá dentro." (geral)

"Se a companheira enganar ele, ele mata ela dentro da casa e fecha a porta toda. Só se encontra os ossinhos dela",  
(geral)

"Ele faz a casa e os filhos ficam ali dentro. Ele vai botando comida ali até os filhos ficar grande. Então o João-de-barro faz aquela casa pra família e se a João-de-barro procura outra família ele fecha a portinha do ninho com barro e os filhotes morre tudo ali dentro." (Saquarema)



"Faz sua casa onde não tem outro João-de-barro, mas se aparece um e namora sua mulher, quando ela estiver chocando, de dois a quatro dias sem sair do ninho, ele cuida dela, fornecendo alimentação e fechando a porta com barro. Quando termina o choco e ela vai sair, não pode a porta já está fechada," (Bom Jesus do Itabapoana)

"Se a fêmea do joão-de-barro trai ele, ele mata ela presa na casa. Ele bate nela, ela se infurna na casa, ai ele lacra a casa." (Cantagalo)

"O joão-de-barro conhece quando o tempo vai ficar bravo, que vai jogar chuva na casa dele. Ele fecha aquela porta e muda pra outro lado. Se hoje a porta estiver para o sudoeste, se tiver mudando o tempo, ele com meia hora, fecha aquela porta e abre do outro lado pra agasalhar ele e a prole."(Cabo Frio)

"Não gosta que bulam na casinha dele. Ele tem uma simpatia que atrapáia a carrera das pessoas." (Paraíba do Sul)

"Ninguém deve matar joão-de-barro porque é passarinho de Deus." (Macaé)

"O joão-de-barro faz uma casa num lugar. Se ele se deu bem nessa região, ano que vem ele volta a fazer a casa ali. Se a porta da casa está para o norte, em outro ano, faz virada para o sul. Nunca faz na mesma direção, constrói várias casas, uma em cima da outra, se ele gosta de um determinado lugar. Ele presente de onde vem o vento naquele ano." (Bom Jesus do Itabapoana e Carmo)

"O joão-de-barro é um passarinho respeitador de Deus porque ele não trabalha no domingo. Se ele tiver fazendo a casa, quando chega no domingo ele pára tudo. Fica por ali, cantando naquela gritaria toda, mas não carrega um barrinho." (Cantagalo e Carmo)

## Peixe-frito

"O peixe-frito ou tempo quente quando canta é sinal de bom tempo." (Bom Jesus de Itabapoana, Cambuci, Paraíba do Sul)

"Canta à noite em época de lua cheia, por isso se chama também saci." (Bom Jesus do Itabapoana)

## Pica-pau

"presente tempestade. constrói seu ninho do lado oposto ao vento. (Bom Jesus do Itabapoana) "

## Pixanxão

"É um passarinho que só aparece no mesmo lugar de sete em sete anos. (Macaé)

## Quarenta-só

"É um pássaro que só aparece no verão. Em noite de lua clara é comum ouvir o seu barulho, de corrente arrastando." (Araruama e Saquarema)



"É a alma de um Capitão-mor que matou um escravo com quarenta açoitadas. Esse capitão virou pássaro e agora vive vagando no espaço.

Quer ganhar a salvação mas não consegue. Está por ai pelo espaço vagando, arrastando correntes e gritando: quarenta só! quarenta só! quarenta só!" (Araruama e Saquarema)

"...um capitão-mor que matou muito escravo e recebeu um castigo de viver como pássaro durante mil anos. Voa à noite, arrastando correntes e gritando: quarenta só! quarenta só! quarenta só!..." (Araruama)

"... esse passarinho já me botou pra correr. Eu vinha vindo de um baile -tinha uns 18 anos - dali a pouco. quando eu saio da estrada pra pegar o caminho de casa, ouço um barulho de correntes arrastando: olhei pra um lado, olhei pra outro, não vi nada... Ah! pernas tivesse eu mais pra correr... cheguei quase morto em casa de tanto correr. No dia seguinte, conto o ocorrido ao meu pai e ele:

É bobo rapaz, isso é o tal do Quarenta-só; já diversas vezes que eu tenho visto." (Saquarema)

## Quero-quero

"É uma ave agourenta. Fica cantando quero, quero, quero... querendo levar a alma da gente." (Macaé e Cambuci)

## Rola-pau

Contam os antigos que o rola-pau aparece depois que mataram um preto a pauladas, no tempo da escravidão, na fazenda Santa Isabel, em Bom Jesus de Itabapoana:

"Ele traz um castigo de Deus por causa de um escravo que morreu maltratado por um capataz. Este, acreditando na traição de sua mucama com esse negro, mandou surrá-lo. Como ele negava, o capitão lhe disse: 'eu vou te matar e a seus filhos todos.

Só se aquele pau rolar eu não mando matar'. Então até hoje o escravo grita: rola, pau! rola, pau! rola, pau!... (Bom Jesus do Itabapoana)

"É um pássaro de mau agouro. Atrasa, a vida de quem o ouve cantar." (Bom Jesus do Itabapoana)

## Rolinha



"É ave de Nossa Senhora porque quando Nossa Senhora e São José fugiram conduzindo Jesus, ela ia atrás, ciscando, a fim de desmanchar os rastros para evitar que os soldados de Heródes encontrassem a família sagrada." (São Sebastião do Alto)

## Saracura

"Se cantar ao meio dia, haverá chuva no dia seguinte; se cantar às seis horas da manhã, haverá sol."  
(Saquarema e Cabo Frio)



## Siriema



A siriema é tida em Paraíba do Sul com prenúncio de chuva pois: "quando canta vai chover."  
(Paraíba do Sul)

## Socó

O socó deu nome ao Município de Saquarema:

"Logo assim que a vida foi descoberta, não tinha nome, e a lagoa vivia Infestada de socós. O soco usa as asas para se locomover dentro d'água, portanto, quando as pessoas queriam se referir a essa lagoa de Saquarema, elas diziam: Onde é? Ah! é lá naquela lagoa onde o socó rema. Daí ficou socó rema.

Posteriormente, passou a ser chamada Saquarema. Então a origem do nome, muita gente diz que veio desse pássaro." (Local)

## Tangará

É um pássaro que, devido a suas qualidades coreográficas, impressiona a quantos assistem sua dança no interior das matas virgens em Macaé.

As pessoas afirmam haver grande mistério em torno dele, algum tipo de encantamento que pode enfeitiçar aqueles que o vêem.

"Habita as matas virgens e aí realiza os bailados que o tornaram célebre. Os dançarinos, de seis a oito, escolhem um local que é sempre um galho desprovido de folhas ou ramo seco. Um dos passarinhos, macho ou fêmea, não se sabe ainda o certo, localiza-se no centro, e de ambos os lados distribuem-se os parceiros da dança. A um sinal dado, os dançarinos que estão nos extremos do galho alçam-se no ar e vão pousar nos extremos opostos. A trajetória desse

vô é um grande arco, que se desdobra sobre as cabeças dos componentes do bando. A cada 'tra-trá' estrídulo, eleva-se no ar um doa parceiros e a cena se repete indefinidamente.

O dançarino do centro mantém-se sempre no mesmo lugar dando pequenos pulos, como que a marcar o compasso do canto. A um sinal mais agudo, encerra-se o bailado, e todos se calam de pronto. O grupo se desfaz e cada um vai cuidar da própria vida.

Outras vezes, um componente do balé permanece imóvel sobre um ramo e faz ouvir seus trinados, ao passo que seus companheiros coreográficos o acompanham em cadência, marcando o compasso com um agitar de asas e de pés pipilando continuamente." (Enciclopédia Maravilhosa, tomo I ed. Edigraf., SP 1961), PP. 184/185)

## Tesouro

"Traz prenúncio de chuva. Quando ele sobrevoa por perto, a meninada pergunta: Tesouro, vai chover hoje? Se ele bater as asas, vai chover; se não, fará sol. Ou então cantam ao vê-lo: Tesouro, tesoureiro, vem cortar o meu cabelo." (Araruama)

## Tico-tico e godero ou vira-bosta

"Como em todas as classes existem os sabidos, na classe dos pássaros existe o vira-bosta ou godero, que é muito sabido. Bebe os ovos dos outros, do tico-tico e do sabiá-da-praia, e bota aí os seus ovos prós outros criar os filhotes." (Macaé)

"O vira-bosta agora já está botando até em ninho de sanhaço." (Macaé)

"Maria-preta (ou godero) põe os ovos e tico-tico choca." (Paraíba do Sul)

"O godero não tem coração: não constrói ninhos nem choca seus ovos." (São Sebastião do Alto)

"O godero não choca seus ovos, coloca-os em ninho de qualquer passarinho. A fêmea é que vigia os ninhos de outros passarinhos. Bebe os ovos e põe os dela. Vai embora e ali nunca mais volta. E se chegar uma outra ali, não come aqueles ovos." (Bom Jesus do Itabapoana)

"O tico-tico constrói seu ninho em lugar de difícil acesso. A godero a fêmea do alto, vigia, o tico-tico. Quando este sai, o godero bebe os ovinhos, tira as cascas e põe seus ovos. O tico-tico choca os ovos do godero e quando os filhotes saem, acompanham o tico-tico que os alimenta como se fossem seus filhotes." (São Sebastião do Alto, Bom Jesus do Itabapoana, Macaé)



"O tico-tico é sabido, pra achar o ninho dele é muito difícil. O godero fica num alto vigiando o tico-tico fazer o ninho e por ovos. Quando o tico-tico sai, ele bebe os ovinhos, tira as cascas e coloca os seus ovos; o tico-tico não sabe de nada, não vê nada. Está chocando todo alegre, pensando que está chocando seus ovinhos. Está é chocando ovos do godero. Às vezes sai os do godero e do tico-tico, quando o godero não bebeu os ovos todos". (São Sebastião do Alto e Carmo)

### Tiê

"Tem fama de bígamo porque está sempre voando com duas fêmeas duas pardinhas e ele." (Saquarema)

### Tirulim

Em Saquarema diz-se que:

"O tirulim é carne dura que é pássaro regular quando bate um tirulim custa a matar."

### Trinca-ferro

"Se pegar quando está chocando, morre na gaiola." (Cantagalo)

### Urubu

"Dura 700 anos." (Saquarema)

"Só põe de 100 em 100 anos." (Saquarema)

"Só morre de desastre." (Saquarema)



## As aves e as expressões populares

**Bacurau** - indivíduo de hábitos noturnos. (Campos)

**Bico de papagaio** - nariz adunco. (Cantagalo)

**Cabelo "ninho de guaxe"** - cabelo enrolado. (Geral)

**Comer como passarinho** - comer pouco. (Geral)

**Coruja** - refere-se geralmente a parentes, como avós, pais, tios e irmãos, que elogiam exageradamente uma criança, (Geral)



**Coruja** - pessoa feia, (Geral)

**Corujar** - ficar prestando atenção ao que outros estão fazendo. (Geral)

**Corvo** - pessoa agourenta. (geral)

**Dar uma de tico-tico** - criar filhos dos outros. (Geral)

Enxergar mais que canário de briga- ter boa visão. (Rio de Janeiro)

**Está igual a um ninho de rola** - diz-se às crianças quando Estão com a boca suja. (Saquarema)

**Falar como papagaio** - falar muito (Geral)

**Gavião** - homem namorador, (geral)

**Godero** - adulto que leva vida dependente dos pais. (Geral)

**Morrer como um passarinho** - morrer sem dor. (Geral)

**Olhar de águia** - olhar penetrante. (Geral)

**Pagar o pato** - arcar sozinho com as conseqüências de ato não cometido

ou compartilhado por **muitos. (Geral)**



**Saracura** - pessoa magra. (Campos)

**Ter "pernas de sabiá** - ter pernas finas. (São Pedro da Aldeia)

**Ter pernas de saracura** -referindo-se às pernas finas de determinada pessoa. (Campos e São Pedro da Aldeia)

**Uma andorinha só não faz verão** - a pessoa isolada, pouco faz. (Geral)

**Urubu** - indivíduo que se aproveita da desgraça alheia. (Geral)

## As aves e os artistas populares

O amor aos pássaros, seu canto, sua beleza, a curiosidade sobre seus costumes e admiração que despertam têm feito com que o homem busque, se não copiá-los, reproduzindo o magnetismo que há nas aves, pelo menos eternizá-los através da literatura ou do artesanato em barro, madeira, miolo de pão ou outro qualquer material.

### Adalton Fernandes Lopes



Reside no bairro do Barreto, em Niterói, onde aprendeu sozinho a trabalhar o barro e a construir um torno. Experimentando, aprendeu a conhecer o ponto de queima ideal; pesquisando, descobriu onde encontrar, em Niterói, barro colorido que utiliza para modelar suas peças. Adalton Fernandes Lopes registra os tipos populares, as brincadeiras, os divertimentos, os sentimentos e os costumes do nosso povo. Ele traz de volta a

figura já meio esquecida e em desuso, e por isso mesmo nostálgica, do espantalho de aves, feito em cerâmica colorida, medindo 14 cm. Fugindo à sua função, na escultura o espantalho atraiu para si um sereno pássaro branco.



### Adauton Alves Pequeno

Reside em Nova Iguaçu, na Vila Iracema. Costuma pintar e também envernizar suas peças.

"Seu" Adauton modela no barro figuras humanas: violeiros, cangaceiros e animais. Porém, suas peças mais bonitas e expressivas são as aves que parecem alçar vôo dos galhos de árvores ou mesmo de seus ninhos.

### Antonio De Gastão



Antonio de Sarros Cruz, o artesão das 'árvores de pássaros', ou Antonio de Gastão, como é conhecido em Cabo Frio, produz em madeira lindos pássaros da fauna local :



caboclinhos, saíras, bem-te-vis, sabiás... pousados em galhos de árvores. "Quando lhe perguntamos como iniciou sua fabricação, respondeu: "O serviço de artesanato vem do espaço. Nós não podemos dizer que vamos fazer, isso já vem de dom". Trabalhando apenas com um canivete, Antonio de Gastão prefere o cedro para suas esculturas. No entanto dadas as dificuldades de se obter esse tipo de madeira, trabalha com a figueira e a amendoeira. Costuma pintar suas peças nas cores verdadeiras dos pássaros. Enquanto esculpe suas "árvores de pássaros", revela sua nostalgia pelos tempos idos em versos como: "Oh! que saudades que eu tenho dos meus tempos de criança Eu corria pelos campos Todo cheio de alegria. E se hoje estou, velho, fiz esta poesia olhando para os arvoredos O canto dos passarinhos que cantavam alegremente à procura dos seus ninhos. E olhando também aqueles tempos de outrora as lindas manhãs que vinham rompendo a aurora."

## Elias Alves de Carvalho

Saiu do nordeste em 1948 com destino ao Rio de Janeiro para tentar a sorte. Aqui chegando trabalhou em diversas profissões, até que se tornou funcionário público federal. Mora há 10 anos numa casa alugada, em Correias, Petrópolis, bem perto do Sanatório onde trabalha como enfermeiro. "Comecei a escrever folheto em 1948, quando cheguei aqui no Rio e publiquei no mesmo ano. Antes eu era cantador, porque desde pequeno eu cantava, mas depois, tive um problema na garganta, deixei de cantar e passei a escrever. Passei a escrever justamente porque não podia mais cantar e eu tinha que dar vazão ao que sentia. Então passei a escrever literatura de cordel." Dos folhetos escritos e publicados destaca-se "Ave de todo o mundo", onde faz uma descrição das aves brasileiras. O folheto termina:



***"Ó Corcovado, Ventoninho  
Alça, Urubu-Caçador  
Rouxinol e Bagageiro  
Valeu a pena leitor?  
Ave, essa coisa santa louva, enfeita, encanta  
Harmoniza, voa e canta  
Ostentando o Criador."***

## Elicio De Freitas

Nascido na cidade de Campos em 1915, Elicio conta que ainda criança, já residindo na Usina Santa Isabel no município de Bom Jesus do Itabapoana, ouvia, impressionado, a história do Rola-Pau, pássaro aziago, do folclore da região.

Em 1976, agora com 63 anos, residindo na sede do município, onde tem uma banca de jornal na Estação Rodoviária, Elicio, recordando aqueles tempos, resolveu contar em versos a



história:... "no dia em que tencionava fazer a história, eu ouvi ele cantando nos fundos da minha casa. Uma coincidência." O poema intitulado "A história do Rola-Pau contada por Mãe Dolores" foi registrado livreto mimeografado pela Divisão de Folclore do Instituto Estadual do Patrimônio Cultural do Departamento de Cultura da Secretaria de Estado de Educação e Cultura. Aqui serão reproduzidos alguns trechos:

***Conta depressa senhora  
A história do rola-pau  
Do tempo do lobisomem  
Do tempo do ururau***

***O negro tinha jurado  
Ao São Jorge Guerreiro  
Que havia de reencarnar  
Em um passarinho agoureiro***

***Foi assim que apareceu  
No tempo do bacurau  
O passarinho agoureiro  
Com o nome de rola-pau***

***Quando o rola-pau gritava  
Na torre de Santa Isabé  
O vento sul rebentava  
A tampa da chaminé***

***Pedras iam caindo  
No telheiro da Usina  
Das escuridões se ouvia  
Uma sinistra buzina***

***Nas moitas dos matagais  
Se ouvia arrastar correntes  
Lá dentro do cemitério  
Se ouvia ranger de dentes***

***Meus fios, eu tou cansada  
Já não posso mais falá  
A história do rola-pau  
Eu vou aqui terminá.***

## **Helcio Bonfim**

Em Magé, fomos encontrar Helcio Bonfim que, quase aos cinquenta anos veio dedicar-se à arte de criar em madeira. Começou esculpindo distraidamente,

duas espadas com cerca de 50 cm de comprimento. A partir daí percebeu que iniciava novo processo de criação. Prosseguindo na observação de outros paus, tocos, surgiu-lhe a idéia de fazer um santo. E fez.

Desde então, diz ele: "Faço tudo isso que vocês estão vendo." São belíssimas peças que versam sobre variados temas: santos, imagens, flores, vasos, serpentes, pombais, cenas de escravos, carros de bois, pássaros e muitos outros motivos.

Em poucos anos Helcio já produziu mais de 300 peças, tendo dado aos amigos a sua maioria. Diz ele:

"Algumas vendi. A mais cara foi de seiscentos cruzeiros. Umas vendi para outros artesãos, que agora dizem ser obra s suas."



Árvores de pássaros  
Artesão: Antonio de Gastão

As espadas, conservadas até hoje e dependuradas em sua oficina, nunca serão vendidas ou dadas. São para ele o símbolo do momento em que passou a manipular novas formas extravazando o potencial de criatividade que até então não havia descoberto.

Abandonando a antiga profissão de pedreiro, Helcio é atualmente um dos artesãos mais expressivos do território fluminense. Trabalhando com "Tabibuia", madeira que cresce nos pântanos de Suruí, distrito de Magé, onde reside, usa instrumentos relativamente simples: faca pequena e bem amolada, serrote pequeno, martelo, formão, régua, lápis, pedra de amolar e torno, fazendo com que surjam da tosca madeira peças de variados motivos. Dentre esses, os pássaros têm presença expressiva e constante.

### **José Joaquim Polonha**

"Seu" Zé Joaquim ou Zé Zaul, como é mais conhecido, mora em Duas Barras. Observador da natureza, com a qual está em freqüente e íntimo contato como lavrador, Zé Zaul, diariamente, caminho de casa, recolhe pedaços

de madeira que encontra. Utiliza "esperta", um tipo de madeira macia e adequada aos trabalhos de entalhe, ou então cedro que adquire com grande dificuldade. À noite, nas horas vagas e nos fins de semana, com auxílio de um canivete, reproduz fielmente lindas aves e pássaros da fauna local, imprimindo-lhes cunho naturalista. Fabrica-os em tamanho natural, pinta-os com tinta esmalte e nas cores as mais reais possíveis ou então os enverniza. Com auxílio de uma vareta de guarda-chuva imprime aos pássaros pequenos meios-círculos, para imitar a plumagem. Dedicar-se ainda a esculpir belos tatus.

### **Maria do Carmo da Costa Santos**

Natural de Pernambuco, onde desde criança modelava barro, Maria do Carmo veio residir em Ramos, bairro do Rio de Janeiro, já casada e "com os filhos criados". A "saudade apertou" e dona Maria do Carmo, em seu pequeno apartamento recomeçou a fazer bichos e bonecos de barro que são comercializados através de feiras públicas e na sua própria residência. Dada a exiguidade do espaço de que dispõe para modelagem e estocagem, ao terminar certo número de peças, a artesã sai de "sacola cheia" rumo ao distante subúrbio de Oswaldo Cruz para queimá-los numa olaria. Maria do Carmo é uma das artesãs mais requisitadas a comparecer em escolas públicas, levando sua arte às crianças: "adoro ficar trabalhando com os meninos, passo horas esquecida dos problemas da vida."

De sua produção destacaram-se as figuras zoométricas representativas de pássaros, de extrema expressividade e grande movimento.



*Gavião cará-cará e boi*  
Artesão: *Walmiro Vicente da Silva*

### **Oswaldo Pereira da Silva**

Em 1974, como consequência de um acidente, Jonjoca Sapateiro, como é conhecido, viu-se hospitalizado, tendo amputado uma de suas pernas. Ainda no hospital, para "se distrair" como afirma, começou a modelar com massas "bichinhos" em miniatura, de extrema perfeição de formas e delicados traços de pintura. Ainda internado, começou a vendê-los para médicos e enfermeiros, e como nunca faltou quem os quisesse comprar, não mais parou de fazê-los. Substituindo o trabalho no couro com que lidava enquanto sapateiro, Jonjoca passou a utilizar massa de pão umedecida em água, a que adiciona cimento branco e/ou gesso.

A modelagem dos pequenos animais é feita em um só bloco, sem utilização de moldes ou modelos. Algumas partes, como a juba do leão, os olhos, as asas de algumas aves, as orelhas do elefante, a crista do pavão, são feitos

separadamente e colocados em ajuste posterior no bloco Inicial. Pronto, o bichinho é espetado a uma vareta de bambu e posto a secar ao sol, por cerca de duas horas. Pinta-os com tinta de sapato nos mais variados tons, buscando identificar cada espécie.

Assim são feitos os pequenos pássaros e as aves: papagaio, gavião, garça, ave do paraíso, pavão, pombo, arara e outros.

Sua produção é comercializada a través de lojas, ou pelo próprio artesão que, como ambulante, é



*Pássaro*  
*Artesão: Sebastião Moreira da Silva*

visto nas ruas e feiras de São João de Meriti.



*Árvore com passarinhos*  
*Artesão: Walmiro Vicente da Silva*

## Sebastião Moreira da Silva

Nascido em Resende, no Estado do Rio de Janeiro, Sebastião reside há muitos anos em São Pedro da Aldeia, à beira da lagoa onde trabalha como caseiro. Sobre sua arte, afirma: "Comecei a trançar cipó por necessidade de arranjar algum dinheiro." No entanto, Já não "traça cipó" simplesmente, pois transforma essa rude matéria em peças artesanais de grande beleza, quer utilitárias, quer decorativas. São cestos, canastras, peixes e lindíssimos pássaros que desfrutam de sua preferência, principalmente quando trabalhados em fibra de bananeira ou madeira, material que prefere para escultura.

## Walmiro Vicente da Silva

Dotado de grande sensibilidade, voltado para as coisas da natureza que acontecem a sua volta, Walmiro artesão de barro de Paraíba do Sul, coloca imensa expressividade em suas árvores de pássaros, em seus gaviões cará-cará que, pousados no dorso dos bois, catam carrapatos, em seus joões de barro que parecem cantar nas portas das casas construídas em barro.

Walmiro começou a moldar pequenos bois e pássaros com barro vermelho que é abundante no quintal de sua casa. Problemas de saúde, impedindo-o de exercer uma jornada de trabalho contínua, levaram-no a esta arte. Além disso, é solteiro e reside com os pala, que trabalham no campo, o que lhe deixa muitas horas vagas.

Toda moldagem é feita usando-se apenas as mãos para dar forma ao barro umedecido. Depois de retiradas do telhado de sua casa as peças, secas, são pintadas com tinta a óleo. Ultimamente, o artesão tem empregado guache "para dar vida e nome aos pássaros."



# Formas de Apresamento

Caçar, prender, cuidar e admirar os passarinhos constitui um mundo de domínio masculino, quase que vedado às mulheres. Desde cedo, ainda na infância, os meninos iniciam-se, principalmente nas cidades interioranas, em áreas rurais, na arte de caçar passarinhos- Estilingues e alcapões são comuns pelos caminhos e quintais. Vêm-se bandos de garotos em busca da papacapim, da rolinha e do pardal. Este último habita todas as regiões do Estado do Rio.

Por que o homem caça os pássaros?

Uns admitem gostar do canto dos passarinhos. Tê-los em casa seria como estar no rneio das matas e ouvi-los cantar, o que, afirmam, traz "uma paz muito grande". Outros acham bonito o passarinho e sua plumagem há ainda

aqueles que afirmam o prazer em tê-los, em tratá-los do canto e da plumagem colorida; ha ainda aqueles que afirmam o prazer em te-los,em trata-los indepedente do canto e da plumagem; para alguns, prender o pássaro é uma atividade apreciada pela emoção que propicia o momento de vê-lo brigar com a "chama", em defesa da fêmea; para outros trata-se de uma fonte de alimentação.

Ninguém afirmou que o apresamento é motivado pela necessidade de comercializar sua presa, embora alguns declarassem haver vendas restritas ao âmbito das relações de amizade. As transações de troca se revelam mais frequentes. Geralmente, são realizadas aos domingos pela manhã, quando os passarinhos se reúnem em ruas e praças públicas para expor seus exemplares, admirar os dos demais e pô-los a competir em desafios de canto.

Por outro lado, outras espécies não são aprisionadas. Tal fato é explicado pelas crendices populares, como já vimos, ou pelas dificuldades que sua alimentação acarretaria, pois sua dieta alimentar é constituída por peixe (martim-escador); insetos (viuvinha, siririca, tempo-quente e num); néctar de flores (beija-flor e colibri); ou por outros pequenos animais (coruja, caburé, gavião).



Ninho de pássaro  
Artesão: Adalto Alves Pequeno

## Técnicas

As técnicas ou os processos utilizados na caça do passarinho, são várias. Sua análise é muito reveladora com respeito ao conhecimento que o homem adquiriu da fauna ornitológica especializando-se a partir da observação de seus hábitos para alcançar sucesso na captura.

De maneira geral, a técnica empregada varia em função da idade e do grau de especialização do caçador. Assim é que as crianças normalmente utilizam estilingues e alçapões simples, enquanto os adultos caçam com rede, pios, cevas e outras formas.

A observação da vida animal, isto é, seus hábitos, o habitat e o tipo de alimentação, são determinantes da forma que se usará na captura do pássaro: sabiá da praia não se pega em serra, assim como jutiti não cai em alçapão.

Do mesmo modo, a época de maior apresamento de pássaros e aves, segundo informações de campo, é no período das chuvas, quando as cheias obrigam-nos a se deslocarem de seus habitat, sendo então mais facilmente capturados.

A finalidade que se dará ao passarinho determina o tipo de armadilha usada: pios e estilingues são empregados quando se quer matar o passarinho;

as cevas são um artifício para apreensão de pássaros com finalidade de venda; e a arapuca se presta à captura de pássaros maiores para alimentação.

## **Alçapão simples**

Constitui-se numa única peça. É armado em árvores, arbustos, no chão, ou preso à gaiola onde há uma "chama". Medindo cerca de 20 cm de comprimento por 15cm de altura e largura, é confeccionado em flecha vegetal, taquara ou imbaúba, que são vegetais leves. A não ser no caso de vir preso à gaiola, onde a "chama" é fator de atração de outro pássaro que vem brigar, coloca-se alimento em seu interior para atrair os passarinhos: alpiste, canjiquinha de milho e frutas são os mais comuns, recebendo a denominação comédia nos municípios litorâneos pesquisados. Trata-se de técnica relativamente simples. A parte superior do alçapão é a própria "tampa" ou "porta", que se abre sob o controle de um fio de nylon ou barbante fino, preso a uma trave ou poleiro, colocada em sentido horizontal no interior do alçapão. O pássaro atraído, ao penetrar no alçapão e tocar na trave, desprende a linha que faz com que este se feche.

## **Alçapão acoplado**

Trata-se do tipo de alçapão mais utilizado pelos adultos. Situado nas extremidades laterais da gaiola, é confeccionado junto a esta, de modo que dela não se desprende material. Sua confecção utilizada a mesma matéria-prima com que é feita a gaiola. Funciona do mesmo modo que o alçapão simples, sendo que em seu interior não se coloca alimento. Como isca, usa-se um bom pássaro, a "chama", o qual, preso na gaiola, atrai o pássaro livre com seu canto. Para alguns, a atração independente do sexo e da espécie do passarinho. Tanto a fêmea quanto o macho podem cair no alçapão, assim como um passarinho de determinada espécie pode ser atraído por qualquer pássaro de outra espécie, desde que este seja uma boa "chama", isto é, um bom cantador. Já de acordo com outros informantes, o passarinho atraído por "chama" é sempre um macho que vem defender seu território e sua fêmea da invasão e assédio de um outro macho. Foi registrada em Cantagalo uma variante, sem poleiro, desse tipo de alçapão cujo fundo cede com o peso do pássaro, o que solta a tampa que o aprisiona. De tamanho variável, maior que os outros tipos de alçapões, o alçapão falso tem por finalidade capturar muitos pássaros consecutivamente. Construído em flecha, imbaúba ou outra madeira leve, tem uma tampa superior dupla, de forma a permanecer sempre fechado. Como essa tampa é móvel e reversível, no momento em que o pássaro aí pousa, a tampa inferior cede com seu peso e a parte que estava levantada desce, fazendo com que o pássaro caia no alçapão, ficando preso nesta armadilha. A atração é feita pela comida colocada no interior, mas assim que o primeiro pássaro é capturado, este já servirá de "chama" para os próximos. Colocado em árvores ou no chão, o alçapão permanece "armado" durante longos períodos, uma noite ou um dia, até que a pessoa vai buscá-lo, podendo encontrar até vinte passarinhos presos, dependendo do tamanho do alçapão.



## Alçapão de chão

Construído em madeira leve como taquara e flecha, tem forma retangular e cerca de 50 cm de comprimento. Difere dos demais tipos de alçapão por ser usado no chão, por não possuir fundo e por ter aberturas nas duas extremidades opostas e não na parte superior, como nas demais formas já vistas. Seu funcionamento é acionado por uma linha colocada transversalmente em seu interior que, tocada pelo pássaro, atraído pelo alimento, desprende-se das tampas que, impulsionadas por um pedaço de ferro ou chumbo a elas atado caem em movimento rápido prendendo a ave. Esse tipo de armadilha pode ser considerado intermediário entre as demais formas de alçapão e a arapuca.

## Arapuca

Feita de pequenas varetas ou pauzinhos irregulares a arapuca é geralmente improvisada nos matos. Durante toda a pesquisa e em todas as áreas não encontramos um único exemplar, o que parece comprovar o fato de se tratar de uma armadilha precária e que não é recuperada após o uso. De forma piramidal, a arapuca é construída dispondo-se as varetas em sentido vertical. As varetas, atadas por barbante ou cipó, decrescem em tamanho à medida que a armadilha vai se alongando. Quando pronta, a arapuca é disposta inclinadamente e assim mantida graças a uma estaca. A esta liga-se uma linha que, tocada pelo pássaro, faz com que caia e prenda a ave. Normalmente é utilizada na captura de aves como a juriti, cuja carne é muito apreciada pelas populações rurais.

## Rede

Adquirida geralmente em casas especializadas de caça e pesca, a rede é feita de linha ou fio de nylon, presa numa estrutura retangular ou quadrangular de madeira. Utilizada aos pares, é colocada transversalmente nas partes anterior e posterior da gaiola, onde a "chama" atrai outro pássaro. Este, ao penetrar no espaço contido pela parede da gaiola e a rede, aciona um dispositivo de molas, fazendo com que esta se desloque, comprimindo-o junto à gaiola. A rede é utilizada em gaiolas cujas paredes são duplas e distanciadas, de forma que o pássaro capturado não seja alcançado pelas bicadas do outro que se encontra no interior da gaiola.

## Laço

Há duas modalidades diferentes de caça, que denominam laço. Uma, destinada a aves de grande porte, quase sempre lhes causa morte. Consiste numa vara de bambu que, envergada em forma de arco, tem duas extremidades enterradas no solo. Em outra vareta é amarrado um laço de barbante que fica no chão, ligado ao arco, com o alimento dentro. O pássaro atraído, tocando no laço, faz com que uma das extremidades do arco se desprenda do solo,

fechando o laço ao redor dos pés da ave, que assim fica presa. O segundo tipo exige muita habilidade e calma do caçador. Compreende um pequeno laço que é atado a uma longa vara de bambu. Distraído pelo alimento, o pássaro não pressente a aproximação do homem, que introduz o laço em seu pescoço, prendendo-o. É utilizado para capturar pássaros, que se alimenta de frutos, principalmente o sabiá-sica.

## Visgo

Além do visgo industrializado, vendido no comércio, pode-se obter visgo produzido pelos próprios caçadores, feito à base de seiva vegetal. Encontram-se no Estado do Rio visgos de jaqueira e de uma outra madeira denominada paiaju ou fruto-de-leite. O visgo de jaca é considerado inferior pela sua duração que é de cerca de um mês. Processo de obtenção: corta-se o tronco de uma jaqueira em estrias, recolhendo-se o líquido que escorre pelos cortes. Desse líquido pastoso faz-se uma bola que é aquecida no momento em que for utilizada. Após, passa-se o visgo no fundo de uma panela, ou em carvão em pó para que adquira cor escura, como galho seco, já que sua cor original é branca seguir, enrola-se o visgo num arame e coloca-se nas árvores. O visgo de madeira, tido como o mais eficaz, dada a sua durabilidade ("dura a vida toda"), é feito da seiva extraída do paiaju que alguns deixam "endurecer no sereno". Por se tratar de visgo também duro, para ser utilizado deve ser aquecido, em banho-maria. A partir daí, sofre o mesmo processo que o visgo da jaca. A captura por visgo é extremamente prejudicial à ave, que perde grande parte de suas penas, chegando a morrer, caso não seja socorrida a tempo. Em Paraíba do Sul, afirma que. "passarinho apanhado no visgo perde o canto por causa do choque, porque eles se esforçam muito e nunca mais cantam".

## Pio

Usado por caçadores de espingarda, o pio tem a finalidade de atrair o pássaro, que é então morto a tiros. Antigamente faziam-se pios artesanalmente, de madeira, bambu e osso, conforme as diferentes espécies de pássaros. Com a extinção das aves de grande porte em território fluminense, os pios vão também desaparecendo, restando apenas pios de madeira para inhambu, vendidos nas casas especializadas, e fabricados no Espírito Santo. Pio significa também assobio, ou imitação do piar das aves com auxílio das mãos, processo também utilizado no Estado do Rio, e que exige grande habilidade e conhecimento do canto das aves.

## Estilingue

Também conhecido por bodoque, seta e atiradeira, é muito usado pelas crianças na caça a passarinhos como rolinha, pardal e coleiro. É feito de uma forquilha de madeira em forma de "Y", munida de elástico que prende à forquilha uma pequena faixa de couro. Distendendo-se o elástico e soltando-o em seguida, projeta-se a grande distância a pedra que irá atingir o pássaro.

## Ceva

A ceva consiste num local, geralmente na mata e muito frequentado por pássaro, onde por dias seguidos coloca-se alimento como arroz, alpiste ou canjiquinha. Após um período em que os pássaros já estão habituados a só comer ali, suspende-se a comida durante um dia para em seguida fornecê-la embebida em álcool. Os pássaros, famintos, alimentando-se em demasia e intoxicados com álcool, são facilmente apanhados com as mãos. No entanto grande parte das aves assim capturadas morrem após alguns dias. O pintassilgo é uma das muitas vítimas dessa forma de apresamento, pois, segundo os informantes, ele raramente cai em alçapão ou rede, já que "não é um passarinho quente para brigar com a "chama".

## Vigiar o ninho

Constitui-se em uma forma também de apresamento, pois é desse modo que normalmente se prendem sabiás e melros que, quando capturados já adultos, não se acostumam às gaiolas. "Vigiar o ninho" implica em procurar ninhos e vigiá-los até os filhotes estarem emplumados, quando são apanhados e tratados com papa de fubá ou de avevita (ração para aves).

# O artesanato de gaiolas

## Aprendizado

A arte de fazer gaiolas, na maioria dos casos, é aprendida ainda na infância. Da observação e da ajuda prestada a artesãos, como por exemplo, a coleta e o preparo da matéria-prima para confecção, a criança extrai motivação, "gosto" como dizem os informantes.

De acordo com os dados coligidos em campos, fazer gaiola é atividade eminentemente masculina e geralmente transmitida pelo grupo familiar em que avós, pais, tios ou irmãos mais velhos desempenham o papel de agentes de socialização.

Trata-se de prática individual, excetuando-se os casos em que o artesão transmite seu conhecimento a outro indivíduo, normalmente criança estando esta portanto participando do processo de produção. através do auxílio em tarefas específicas.

# Local e regime de trabalho

Os "gaioleiros", como são denominados os artesãos de gaiola e similares no Estado do Rio de Janeiro, exercem suas atividades no âmbito da própria residência, conforme se constatou através da pesquisa de campo. No entanto as condições para o desempenho variam em função da matéria-prima com que trabalham.

Assim, aqueles que lidam com cana-do-reino, flecha-de-ubá e imbaúba vegetais que exigem poucos implementos para serem trabalhados não necessitam de um espaço fixo e permanente, podendo trabalhar tanto no interior da casa geralmente a sala e a cozinha são os cômodos escolhidos quanto no exterior quintal ou outro qualquer lugar onde haja "uma árvore com sombra pra gente sentar".

Já a madeira, exigindo instrumentos de trabalho mais elaborados em seu preparo (cortar, lixar, aparelhar, furar, etc.) geralmente requer um local fixo onde sejam instalados os apetrechos e maquinarias.

A oficina pequeno cômodo medindo cerca de 3m<sup>2</sup> é localizada comumente na quintal da casa.

Quanto à jornada diária dedicada à produção de gaiolas, depende do caráter da própria produção. Quando o artesão dedica-se a extrair dessa atividade toda a renda para sua manutenção e de sua família a jornada é feita em horário integral, havendo uma "infra-estrutura" mais elaborada que permita maior segurança no desempenho da atividade: compromissos regulares com fornecedores de matéria-prima e com o mercado comprador, representado por lojas especializadas na venda de gaiolas.

Já os que fazem da fabricação de gaiolas apenas uma atividade complementar da renda, familiar, exercendo outra atividade que seja básica, dedicam-se a essa forma de artesanato nas horas livres, "pra cobrir o tempo vago".

É importante que se note o fato do artesanato, em geral, representar uma saída para aqueles que, por condições de saúde, não podem exercer atividades regulares, pois cria possibilidades para o indivíduo permanecer ativo embora seu desempenho possa ser descontínuo.

Durante a pesquisa verificou-se que a maioria dos artesões exerciam essa atividade para preenchimento da ociosidade ou suplementação dos rendimentos, já que eram aposentados ou licenciados para tratamento de saúde.

# Instrumentos de trabalho

O estudo das condições para produção artesanal de gaiolas leva-nos à constatação de que é necessário um capital mínimo para implementação da atividade, principalmente no que concerne a gaiola de imbaúba, cana-do-reino e flecha-de-ubá. Para a construção das gaiolas usam-se:

**1. Canivete ou faca** bem amolada para cortar o vegetal nos tamanhos desejados, além de cortar e afinar as varetas de bambu.

**2. Compasso, esquadro ou marcador** cuja finalidade é marcar nas hastes o local onde devem ser furadas para a penetração das varetas de bambu. Esse instrumento é geralmente improvisado pelos próprios gaioleiros do seguinte modo: numa das extremidades de retângulo de madeira com cerca de 10 cm, fixam-se dois pregos dos quais se retiram as cabeças e afinam-se as pontas. O espaço compreendido entre um e outro prego serve de medida para determinar os locais por onde penetrarão as varetas. Alguns artesãos têm duas dessas ferramentas destinadas a gaiolas maiores e menores. Outros dispensam esse instrumento.

**3. Furador, ponteiro ou ponteira** é indispensável ao gaioleiro. É utilizado para furar as hastes de vegetal, nos locais assinalados pelo marcador (quando usado); onde serão introduzidas as varetas de bambu. O furador, também de produção artesanal, é feito improvisadamente pelos gaioleiros, com diferentes materiais:

- Furador feito de arame grosso, com cerca de 15 cm de extensão, tendo uma de suas extremidades afinadas com lima.
- Furador feito de crame grosso tendo uma de suas extremidades envergada de modo a formar um cabo ou "pegador", e a outra extremidade afinada.
- Furador feito de cabo de bomba de encher pneu de bicicleta, ao qual foi adaptado um vergalhão 3/8, com a extremidade limada.
- Furador feito de madeira, medindo cerca de 8 cm. Em cada uma das extremidades foi fixado um prego, ao qual se retirou a cabeça, afinando-o com lima. Também o furador apresenta-se em dois tamanhos, indicados para gaiolas maiores e menores. Alguns artesãos usam também pequeno alicate explicando que "nos cantinhos, a mão não consegue dobrar uma palheta, e com o alicate pequeno e fino faz a operação". Além desses instrumentos, são empregados outros, de origem industrial, que são: serrote e serras diversas, manuais ou elétricas; plaina manual; prego e parafuso; pua manual ou elétrica; alinhador (instrumento para afinar e arredondar as palhetas de bambu) e graminho (usado para riscar a madeira).

# Matéria-prima e confecção de gaiolas

É variada a matéria-prima com que se confeccionam gaiolas. Imbaúba, cana-do-reino, flecha-de-ubá e outros diferentes tipos de madeira são trabalhados, gerando um produto final de esmerado acabamento, grande beleza e engenhosidade.

## **Gaiola de imbaúba** (*cecropia palmata willd*)

É mais frequente nos municípios serranos e no Norte Fluminense, onde esse vegetal é comum. Do centro das cidades de São Sebastião do Alto e Duas Barras avistam-se, nos morros próximos, grandes imbaúbas, onde as crianças aos bandos recolhem o material com que constroem suas gaiolas. A forma da gaiola de imbaúba respeita sempre as características da madeira que, dada a sua rigidez, impede que se façam curvas. Assim, a gaiola é sempre retangular ou quadrada ou no formato de "casinha", isto é, tem a parte superior confeccionada em duas águas perpendiculares aos lados. A confecção desse tipo de gaiola exige poucos instrumentos, pois, com as próprias varetas de bambus que servem de grade, fura-se a imbaúba que é usada como estrutura de sustentação para as varetas: "... imbaúba é mais fácil de fazer do que a de madeira, porque não gasta nada. Ela gasta uma faca amolada e a cabeça da pessoa pra criar o que quiser." (Bom Jesus do Itabapoana) Com relação ao acabamento, afirma-se: "... imbaúba não precisa envernizar, já vem envernizada naturalmente. A própria imbaúba tem um brilho dela mesma." (São Sebastião do Alto) Não se usa cola, prego ou parafuso nesse tipo de gaiola, pois é ajustada através do encaixe da estrutura de imbaúba com as varetas de bambu, que a perfuram.

## **Gaiola de flecha-de-ubá** (*sagittaria montevidensis cham. et schol*)

Muito encontrada na zona litorânea, cada vez mais vem se tornando objeto de adorno na decoração de residências, mantida, sua função de "cativeiro" de pássaros. Todo confeccionado à base de encaixes, esse tipo de gaiola prescinde de cola, prego ou parafuso para sustentação. O feitio é dado pela estrutura de flechas que lhe dá contorno, sendo complementado pela colocação de varetas de bambu, denominadas palhetas que formam as paredes da gaiola. Como decoração da gaiola, em Araruama encontramos um artesão que tem por hábito pintar as extremidades cortadas das flechas com tinta azul ou vermelha de caneta tinteiro. Afora isto, nenhum outro elemento é usado na decoração, dispensando-se inclusive o verniz que raramente é usado dado o brilho natural com que se reveste a flecha-de-ubá. Esse tipo de gaiola é considerado pouco resistente, devido seu curto período de duração cerca de 6 meses quando em uso.

## **Gaiola de cana-do-reino** (*arundo donax, L*)

Parecida com a gaiola de flecha de ubá, é, no entanto, considerada de qualidade superior e dura cerca de três anos. Facilmente encontrada nos municípios litorâneos, apresenta as formas mais variadas. Cada artesão "joga" de maneira criativa com as varetas de cana-do-reino e bambu, obtendo belos resultados. Assim como as gaiolas de imbaúba e flecha-de-ubá, não leva cola, prego ou parafuso, sendo totalmente confeccionada por encaixe. Do mesmo modo, o verniz é aqui indispensável dado o brilho próprio desse vegetal.

## **Gaiola de madeira**

Como dizem os gaioleiros: "não é toda madeira que presta para fazer gaiola". Dentre aquelas utilizadas destacam-se: cedro (várias espécies da fam. das Lauráceas, meliáceas e pináceas), vinhático (*Platymenia reticulata* Benth), jacarandá (*Machão ri u m Villosum* Vog.) e pinho branco (Araucariáceas e Pináceas), compradas em serrarias. Além dessas, é também muito procurado o pinho de riga (árvore da família das Araucariáceas e pináceas), adquirido em demolições de prédios. As gaiolas de madeira são as mais resistentes, podendo ter duração superior a 10 anos, em perfeitas condições. São tidas pelos artesãos como as mais trabalhosas, requerendo muita paciência e habilidade, já que, além de medidas exatas, exigem do artesão perícia no cortar e pregar a madeira. O uso de verniz é quase indispensável, não só por questões de embelezamento, pois ressalta contornos e veios da madeira, como também porque a impermeabiliza, tornando-a mais resistente. Geralmente feito pelo próprio artesão, o verniz tem por base os seguintes produtos: asa de barata, álcool e breu que, dissolvidos, formam uma goma, que é aplicada na gaiola com auxílio de um pincel' ou uma "boneca", formada por um pouco de algodão envolvido em tecido. Em Macaé, um dos artesãos tem por hábito acrescentar ao verniz a tintura de urucum (fam. das euforbiáceas), ficando a madeira com uma cor avermelhada. Além desses materiais básicos que qualificam a gaiola, devemos destacar o bambu (*bambusa vulgaris*, Schrad e B. *arudinacea* (Willd)), dada sua grande importância, pois figura em qualquer tipo de gaiola artesanal, sob a forma de varetas, compondo as paredes da gaiola. Para todos os artesãos, o fator mais importante na determinação da qualidade do bambu é a época em que deve ser cortado, isto é, na lua minguante, de junho a agosto, pois do contrário, "fica bichado". Acredita-se assim que: "Na minguante, a força do bambu desce toda pra raiz. Aí ele fica sem sangue. Então a gente corta nessa época, porque ele está seco, não está molhado e então seca depressa e não bicha". (Cacaé)

# Formas e nomes

São múltiplas as formas que uma gaiola pode ter e variados os nomes que designam suas particularidades. Dentre as formas mais comuns encontramos:

- Gaiola quadrada
- Gaiola retangular com teto reto
- Gaiola retangular com teto curvo
- Gaiola cilíndrica ou em forma de tambor
- Gaiola redonda
- Gaiola em forma de casinha
- Gaiola em forma de helicóptero
- Gaiola em forma de estrela
- Gaiola em forma de leque

Em Saquarema as gaiolas quadradas e redondas apresentam na parte superior, um "copia", isto é, "um beiralzinho pra ficar mais bonita". As gaiolas cilíndricas e redondas são consideradas as mais difíceis de serem confeccionadas, sendo necessário muito cuidado e habilidade, para que as varetas de bambu não se partam ao serem curvadas.

A gaiola em forma de leque é uma variante do tipo retangular de teto curvo, só que no caso o teto apresenta curvatura bastante pronunciada, em semicírculo, e hastes que, partindo do ponto onde se localiza o poleiro, alcançam a superfície externa do semi-círculo.

## Dimensões

Assim como o formato de uma gaiola obedece a intenção estética, seu tamanho irá depender do porte de pássaro a que se destina. "Um pássaro pequeno, celeiro, numa gaiola grande, feita para sabiá, vai levar um tempo maior para amansar, vai cansar mais". (Macaé)

# Comercialização de gaiolas

A maioria dos artesãos encarrega-se pessoalmente da venda de suas gaiolas. Comercializam diretamente com o consumidor, trabalhando sob o sistema de encomendas, onde muitas vezes é-lhes fornecido o modelo de gaiola que deverá executar, ou então constroem suas gaiolas, estocando-as em



quantidade bastante limitada.

É interessante notar que não foi encontrado um único gaioleiro que saísse vendendo sua produção pelas ruas ou em feiras. Ou espera pela procura dos fregueses em sua própria casa, ou faz a entrega de gaiolas a quem as encomenda.

No entanto, o gaioleiro, cuja única fonte de renda é a de gaiolas, necessitando de um mercado estável e "garantido" para colocação de seu produto, costuma vender a produção a intermediários: butiques, lojas de artesanato em geral ou casas de caça e pesca, de aves e animais.

Se por um lado o intermediário representa a "segurança" de que dependem, sendo portanto um fator positivo na comercialização da produção, por outro controla os preços de compra da gaiola, mantendo-os baixos. Esse controle se estende às transações que o gaioleiro possa vir a realizar com consumidores diretos, como se verifica no diálogo abaixo:

**Pesquisador:** O Sr. vende pelo mesmo preço da loja?

**Informante:** Eu vendo prós freguês pelo mesmo preço da loja X, porque seu Y lá é como meu patrão e não posso fazer concorrência com ele e vender mais barato.

**Pesquisador:** Mas, se o sr. Vender mais barato o que acontece?

**Informante:** Aí não é bom não, moço, porque se ele lá vem a saber, diz que eu sou concorrente, aí eu não posso mais vender pra ele lá não.

Tem havido, por parte de intermediários, tentativas de dirigir mais estreitamente a produção de gaiolas de artesãos isolados. fornecendo-lhes a matéria-prima para seu trabalho.

Em Paraíba do Sul e em Bom Jesus do Itabapoana, gaioleiros tiveram experiência de trabalho com outros indivíduos que se propunham a "ajudar", montando uma pequena fábrica de gaiolas. No entanto, tais iniciativas não foram adiante.

Os artesãos queixaram-se de que a qualidade de suas gaiolas havia caído muito, ficando um serviço "matado". Além disso, afirmaram que gostam de se sentir livres, sem compromissos "prisão, nem passarinho gosta".

Quanto aos consumidores diretos, podem ser classificados em dois tipos que se distinguem claramente: Um dos "vizinhos", o dos "moradores da região"; o outro é constituído por turistas que em geral compram as gaiolas, principalmente as de flechà-de-ubá e cana-do-reino, para fins ornamentais, substituindo os passarinhos por plantas e flores. Sobre isso, afirmam os gaioleiros que "é coisa de gente rica", percebendo, sem surpresa ou indignação, o fenómeno de deslocamento do objeto de seu contexto ou finalidade primeira.

Tal fato é ilustrativo da tese segundo a qual é impossível dicotomizar-se o objeto em utilitário e decorativo, pois a gaiola vem assumindo uma dessas funções, de acordo com o uso que lhe é dado por seu possuidor.

# Conclusão

Há muito ainda a ser realizado.

A busca do folclore relativo a aves não se encerra aqui, devendo prosseguir em outras áreas e com outros informantes.

Além do material registrado, outros dados foram coletados, mormente no campo das cantigas populares.

Entretanto, optamos por não incluí-los neste trabalho, uma vez que são de uso geral em todos os estados, com melodias, rítmicas e formas de brincar por demais conhecidas, como: papagaio louro; rolinha voou, voou; pombinha branca; urubu saiu de casa; periquito maracanã e passa-passa gavião.

As aves no Estado do Rio de Janeiro criam vasto repertório através do qual o homem expressa muitos de seus valores, suas concepções e suas habilidades. Indagar sobre a relação homem-pássaro implica na descoberta do campo do saber popular, fruto da observação, através do qual o homem classifica, analisa, compara, associa e separa uma série de elementos, criando explicações para fatos da natureza e da sua própria vida.

Contudo, analisar essa relação, implica também reconhecer que essa mesma natureza que tanto nos surpreende e gratifica não tem sido respeitada e está em extinção. Em todas as áreas visitadas ouviu-se sempre uma voz a clamar contra a especulação imobiliária, a supremacia dos interesses econômicos que, sem medir conseqüências, vem causando desmatamentos criminosos, aterrando lagoas, poluindo rios, destruindo ecossistemas, sem os quais nenhuma forma de vida animal consegue sobreviver. Em território fluminense estão praticamente extintos o azulão, o periquito, a maritaca, o papagaio, o tucano, a capoeira, o iambuçu, o jacu, o curió, o pintassilgo, o canário-da-terra, o bicudo e muitas outras espécies, sendo que o "despertar" para o fato raramente se faz notar.

Em Sumidouro, num estabelecimento escolar da rede estadual, o movimento de "despertar" já se iniciou: foi criada a "mesa dos pássaros" onde, diariamente, as crianças se revezam no cuidado com as aves que, livres, encontram aí água fresca, água açucarada para beija-flores, mamão, banana, alpiste e canjiquinha, e descobrem no homem um protetor.

Pelo menos, em Sumidouro já não se canta mais:



**'Vastap  
fajgio  
qed uenerai.  
(Tndlin)**

# Anexo I

## Classificação das aves

### 1. Classificação científica

**Andorinha** - *C. tenebrosa brasiliensis* (geral); ver também coleiro.

**Anum** - *Crotophaga ani* (geral).

**Avinhaço** - ver curió.

**Azulão** - *Cyanocopsa cynea* (Macaé, Cantagalo e Paraíba do Sul).

**Bacurau** - *Nyctidromus albicollis*. Também conhecido por curiango em Cambuci e Paraíba do Sul.

**Beija-flor** - *Trochilidae* em geral, incluído-se o colibri (geral).

**Bem-te-vi** - *Pitangus S. Sulphuratus* (Saquarema, Macaé, Cantagalo, Paraíba do Sul, Cabo Frio, Carmo, Cambuci, Itaperuna).

**Bico-de-ferro** - *Saltador similis*. Não confundir com outro pássaro, trinca-ferro, que também recebe a mesma denominação (Macaé).

**Bico-de-lacre** – *Sporophila leucoptera cinereola*. Também denominado biquinho de lacre em Paraíba do Sul, em outros Estados recebe a denominação de patativa do Norte. Em Saquarema também é conhecido por cigarra. Em Macaé de acordo com o canto subdivide-se em chorão e boiadeiro (geral).

**Bico-de-latão** - *Monasa morphoeus* (Conceição de Macabu).

**Bico-de-veludo** *Schistochiamys ruficapillus capistratus* (Paraíba do Sul).

**Bicudo** - Nome comum a cinco famílias: *Jacamarabeyon tridactyla*, *Orysobous angolensis*; *O. maximiliani*; *O. crassirostris* e *Stelgidos tomus fuliginosus* (Macaé).

**Bigode** - ver bigodinho.

**Bigodim** - ver bigodinho.

**Bigodinho** - *Sporophila lineola*. Denominado bigode em Paraíba do Sul; bigodim e bigodinho em Niterói; bigodinho em Macaé; estrelinha em Campos, Macaé e Itaperuna e estrelim em Cantagalo onde é ainda confundido com o coleiro paulista.

**Brejal** - *Sporophila albogularis* (Macaé).

**Caboclinho** – *Sporophila b. bouvrenil* (Cabo Frio).

**Caburé** - *Glaucidium brasilianum*. Também denominado camburê (Macaé).

**Caga-sebo** - ver sebinho.

**Cambaxirra** – *Troglodytes m. musculos*. Denominada carriça em Bom Jesus do Itabapoana; garrincha em Cantagalo e garrinchinha em Paraíba do Sul (geral).

**Camburê** - ver caburé.

**Canarinho do brejo** – ver canário-do-brejo.

**Canário da terra** – *Sicalis flaveola*; *Sicalis peizeini* (Saquarema, Cantagalo e Paraíba do Sul)

**Canário do brejo** – *Synallaxis ruficapilla*. Também denominado canarinho do brejo em Paraíba do Sul (Saquarema e Paraíba do Sul).

**Capoeira** - *Odontophorus c. capueira* (Paraíba do Sul).

**Carriça** - ver cambaxirra.

**Catata** - ver pixanxão.

**Chupim** - *Molothrus bonariensis* (Cantagalo).

**Cigarra** - ver bico de lacre.

**Coleiro** - Denominação comum dada a *Sporophila collaris collaris*; *Sporophila pileata*; *S. Melanocephala ochracens*; *Sporophila caerulascens* e *S. lineola*. Além do termo coleiro e sua variante colero encontrados em Cantagalo e Paraíba do Sul, registra-se ainda: coleiro-da-terra (Cantagalo); coleiro-brejal (Paraíba do Sul); coleiro-do-brejo (Macaé); coleiro-do-morro (Macaé); coleiro golão (Rio de Janeiro); coleiro São Paulo (Conceição de Macabu); papa-capim (geral); papa-arroz (Macaé); papa-capim baiano ou andorinha (Araruama); papa-capim do bico amarelo (Macaé); papa-capim do bico roxo (Macaé); papa-capim do brejo (Araruama, Cabo Frio); papa-capim laranjeira (Macaé); papa-capim paulistinha (Macaé e São Sebastião do Alto).

**Colibri** - ver beija-flor.

**Coração-de-boi** - ver flamengo.

**Corrupião** - *Icterus jamacaii*  
(Paraíba do Sul).

**Coruja** - *Caligo eurilochus cram* (Macaé, Paraíba do Sul, Carmo, Saquarema).

**Covo-covo** - Também denominado papo d'água (Saquarema, Araruama, e Cabo Frio).

**Curiango** - ver bacurau.

**Curió** - *Oryzoborus angolensis*. Também denominado avinhado. Em Cantagalo, sabe-se da existência de dois tipos: curió da Bahia e curió paracambi. Dizem que este último habita terras de Duas Barras (Saquarema, Macaé, Cantagalo, Carmo e Paraíba do Sul).

**Estevão** - ver trinca-ferro.

**Estrelim** - ver bigodinho.

**Estrelinha** - ver bigodinho.

**Filipa** - ver trinca-ferro.

**Flamengo** – *Phoenicopterídeos do gen. phoenicopterus* Também denominado coração-de-boi (Cantagalo) e flamenguinho (Paraíba do Sul).

**Flamenguinho** - ver flamengo.

**Frango d'água** Denominação comum dada às diversas aves da família dos Ralídeos (Macaé).

**Galinho-da-serra** - *Coryphospingus cucullatus rubescens* (Cantagalo).

**Garça branca** – *Casmerodius alba egretta* (Saquarema).

**Garganta-de-ferro** - ver trinca-ferro.

**Garrincha** - ver cambaxirra.

**Garrinchinha** - ver cambaxirra.

**Gaturama** - *Tanagra violacea*. Em Macaé, subdivide-se em: gaturama propriamente dito, gaturama-fim-fim, gaturama-ferro e gaturama-gato, sendo a fêmea, no mesmo município, denominada goiaba. Em Saquarema registra-se

informação sobre o gaturama da serra. Também conhecido como gaturamo. (Saquarema e Macaé).

**Gavião** - Família dos *acipitrídeos*. Em Paraíba do Sul encontra-se gavião-pombo (*Ictinia plumbea*); gavião boiadeiro, gavião cará-cará, gavião-macaco e gavião-cova ou gavião-Deus-que-um. Este último existe ainda nos municípios de Bom Jesus do Itabapoana e Macaé.

**Godero** - *Molothrus bonariensis*. Conhecido também como passo-preto e vira-bosta em Macaé e maria-preta em Paraíba do Sul e Cantagalo (geral).

**Goiapaba** - ver gaturama.

**Guaxe** - *Cacicus haemorrhous aphanes*. Também chamado guaxo (São Sebastião do Alto, Macaé, Paraíba do Sul, Bom Jesus do Itabapoana, Campos, Itaperuna e Cambuci).

**Guaxo** - ver guaxe.

**Iambu** - ver inambu.

**Inambu** - *Crypturelles spp.* em geral. Conhecido por inambu pequeno em Saquarema. Em Paraíba do Sul subdivide-se em: iambuaçu, iambu do peito amarelo, iambu meirinho e iambu xororó.

**Jacu** - *Opisthocomus hoazin* (Paraíba do Sul).

**João -bobinho** - *Nystalus chacuru* (Paraíba do Sul).

**João-Congo** - ver trinca-ferro.

**João-de-barro** - *Furnarius rufus* (geral).

**João-tem-neném** - *Synallaxis spp.* em geral (Paraíba do Sul).

**João-ti-ri-ri** - *Sinaliaxis spixi* (Paraíba do Sul).

**Juriti** - *Oreopeleia montana* (Paraíba do Sul).

**Maracanã** - Família dos *psitacídeos* (Macaé e Paraíba do Sul).

**Maria-preta** - ver godero.

**Maritaca** - Família dos *psitacídeos* (Macaé e Paraíba do Sul).

**Marreca-arerê** - *Dendrocygma viduata*. Também chamada marrequinho da água (Saquarema e Paraíba do Sul).

**Marrequinho-da-água** - ver marreca-arerê.

**Martim-pescador** - *Megaceryle torquata* (Cambuci e Paraíba do Sul).

**Melro** - *Trudus merula*. Também chamado merro (Macaé, Paraíba do Sul).

**Papa-arroz** - ver coleiro.

**PapacCapim** - ver coleiro.

**Papagaio** - *Amazona a. aestiva* (Macaé, Paraíba do Sul).

**Papo d'água** - ver covo-covo.

**Pardal** - *Passer domesticus domesticus* (geral).

**Passo-preto** - ver godero.

**Peixe-frito** - *Dromococyx phasianellus* ou *tapera naevia*. Também denominado **saci** e **sem-fim** em Bom Jesus do Itabapoana e **tempo-quente** (Bom Jesus do Itabapoana, Macaé e Paraíba do Sul).

**Periquito** - Periquitos em geral (Macaé e Paraíba do Sul).

**Piaçoca** - *Jacana spinosa* (Macaé).

**Pica-pau** - *Pici* e *dendrocalaptidae* em geral (Paraíba do Sul e Bom Jesus do Itabapoana).

**Pintagol** - ver pintassilgo.

**Pintassilgo** - *Spinus ictericus*. Também denominado pintassilva em Macaé, onde seu cruzamento com o canário belga, originou-se um terceiro tipo, híbrido, denominado pintagol (Macaé e Paraíba do Sul).

**Pintassilva** - ver pintassilgo.

**Pixanção** - *Sporophila superciliaris*. Também denominado catatau em Cantagalo. Em Macaé há um outro tipo chamado pixanção-estrela (Paraíba do Sul, Cantagalo, Macaé, Bom Jesus do Itabapoana).

**Quero-quero** - *Belonopterus chilensis* (Saquarema Araruama, Macaé, Cambuci, Campos).

**Rolinha** - *Columbigallina passerina griseola* (geral).

**Sabiá**- Família dos *turdídeos*. Encontramos as seguintes denominações: sabiá-branca - *Turdus amaurochalinus*. Também chamada sabiá-da-boca-d'água em

Macaé (Macaé e Paraíba do Sul); sabiá-coleira - *Turdus albicollis* (Macaé); sabiá-da-laranjeira - *Turdus r. rufiventris* (São Pedro da Aldeia, Macaé, Paraíba do Sul, Campos e Cambuci); sabiá-da-mata-virgem - *Lipaugus lanioides* (Macaé); sabiá-da-praia - *Mimus gilvus antelius okerholser* (Macaé, Saquarema, Araruama); sabiá-da-terra (Paraíba do Sul); sabiá-do-campo - *Mimus saturninus frater* (Paraíba do Sul); sabiá-gata (Macaé); sabiá-poça - *Turdus crotopeza* (Macaé); sabiá-reta - *Platicichia f. flavipes* (São Pedro da Aldeia), também denominada sabiá-una em Macaé.

**Sabiá-cica** - *Trichiaria malachitacea* (Macaé, Trajano de Moraes e Santa Maria Madalena).

**Saci** - ver peixe-frito.

**Saíra** - *Tangara mexicana lateralis*. Também denominada saíro. Em Paraíba do Sul listam-se os seguintes tipos: saíra verde, saíra azul e saíra amarela. (Paraíba do Sul e Macaé).

**Saíro** - ver saíra.

**Sanã** - *Herpethotheres cachinnaus gueribundus* (Macaé).

**Sanhaço**- *Thraupis sayaca* (Macaé, Cantagalo, Paraíba do Sul, Campos, Cambuci e Niterói).

**Saracuruna** - *Aramides cajanea* (São Pedro da Aldeia, Paraíba do Sul, Saquarema, Cabo Frio e São Sebastião do Alto).

**Sebinho** - *Todirostrum poliocephalum*. Também denominado caga-cebo em Campos, Macaé e Cambuci.

**Sem-fim** - ver peixe-frito.

**Siriema** *Cariama cristata* (Paraíba do Sul e Cambuci).

**Siriri** - ver siririca.

**Siririca** - *Tyrannus melancholicus*. Também denominado siriri (Macaé).

**Soco** - *Nyctanassa violacea cayennensis* (Saquarema).

**Tempo-quente** - ver peixe-frito.

**Tesouro** - *Muscivora turannus* (Araruama, Cantagalo e Paraíba do Sul).

**Tico-tico** - *Brachyospiza capensis*. Antigamente denominado tico-tico goloso em Paraíba do Sul (Macaé, Cantagalo, São Sebastião do Alto, Bom Jesus do Itabapoana e Paraíba do Sul).



**Tico-tico da mata virgem** - ver trinca-ferro.

**Tiê** - Família dos *traupídeos*. Em Macaé e Paraíba do Sul, subdivide-se em: tiê sangue - *Rhamphocelus bresilius dorsalis* e tiê-preto - *Tachyphonus coronatus* (Macaé, Paraíba do Sul e Saquarema).

**Tirolim** - Família dos *tinamídeos* (Saquarema).

**Tiziu** - *Volatinia jacarina* (Macaé, Cantagalo, Paraíba do Sul).

**Trinca-ferro** - *Saltator mamius*. Conhecido por filipa (Petrópolis); garganta de ferro (Saquarema); em Paraíba do Sul, de acordo com o canto, subdivide-se em: "bom-dia seu chico" e "bom-dia seu chico oi". Esta subdivisão também foi registrada em Macaé. Acrescenta-se a ela ainda um terceiro tipo: "que que eu fiz meu Deus oi", que dizem existir também em Teresópolis. Em Cantagalo foram registradas as duas primeiras modalidades de canto, embora os informantes negassem que se tratasse de tipos diversos de trinca-ferro. Em Macaé é ainda conhecido como Estêvão, João-congo e Tico-tico da mata virgem. (Macaé, Cantagalo, Paraíba do Sul, Bom Jesus do Itabapoana, São Sebastião do Alto, Teresópolis e Petrópolis).

**Tucano** - *Ramphastos monnilis* (Paraíba do Sul).

**Urubu** - *Cathartes foetens*, *cathartes aura*, etc. (geral).

**Vira-Bosta** - ver godero

**Viuvinha** - *Fluvícola climazeira* (Macaé, Paraíba do Sul, Saquarema Araruama e Bom Jesus do Itabapoana).

## 2. Classificação popular

O ato de nomear coisas, dentre elas as aves, reflete a necessidade humana de classificar o mundo. Classificar significa dispor em categorias de modo que se possa ter um conhecimento maior e mais preciso sobre o universo que nos cerca.

Na maioria dos casos, o sistema de nomeação ornitológico se faz pelo saber popular, a partir da percepção de características que são mais marcantes em cada espécie de ave observada. Por vezes é o canto o fator preponderante na nomeação; ora são o habitat, os hábitos, as características físicas (como plumagem e bico), ou a mistura desses diferentes critérios.

No Estado do Rio encontramos as seguintes classificações:

- **Classificação pelo canto:**

Bem-te-vi; Cigarra - pássaro que imita o canto desse inseto; Covo-covo; Gaturama'fim-fim; Gavião cará-cará; Gavião cova ou gavião Deus que um; João tem neném ou João e teneném; João tiriri; Peixe-frito ou tempo-quente ou saci ou sem-fim; Quarenta só; Quero-quero; Rola-pau; Sabiá gata (mia como um gato)

- **Classificação segundo as características físicas:**

Anum branco; Anum preto; Avinhado (de cor do vinho); Azulão (de cor azul); Bico de lacre (bico de cor vermelha); Biquinho; Biquinho de lacre; Bico de latão (bico dá cor do cobre); Bico de veludo; Bicudo; Bigode; Bigodinho; Caboclinho (da cor de caboclo, pardo); Canário da terra (de cor amarronzada no dorso); Goleiro, coleirinho (tem uma pequena; coleira no pescoço; Goleiro da terra (celeiro de cor amarronzada); Goleiro golão; Garça branca; Gavião pombo (semelhante a um pombo); Gavião macaco (de cor preta como o macaco); lambuaçu (de tamanho grande); lambu do peito amarelo; João-de-barro (da cor do barro); Maria preta (de cor preta); Pardal (de cor parda); Sabiá branca; Sabiá coleira; Sabiá da terra (de cor amarronzada); Sabiá preta ou uma; Tiê sangue (de cor vermelha); Tiê preto; Viuvinha (de corpo preto e cabeça branca)

- **Classificação segundo os hábitos:**

Beija-flor; Bico-de-ferro (alimenta-se de tudo); Garganta de ferro (alimenta-se de tudo); Gavião boiadeiro (alimenta-se de carrapatos estando sempre perto dos bois); João bobinho (vive parado nos galhos); João-de-barro (constrói casa de barro); Martim pescador; Papa-capim ou papa-arroz; Pica-pau  
Trinca-ferro; Vira-bosta

- **Classificação segundo o habitat:**

Brejal (habita nos brejos); Canário do brejo (habita nos brejos); Canarinho do brejo (habita nos brejos); Capoeira (habita nas capoeiras ou capões); Frango d'água; Galinho da serra; Gaturama da serra; Marrequinho da água; Sabiá da laranjeira; Sabiá da mata-virgem; Sabiá da praia; Sabiá do campo; Tico-tico da mata-virgem

- **Classificação segundo critérios mistos:**

Bico de lacre chorão (característica física + canto); Bico de lacre boiadeiro (característica física + canto); Goleiro brejal (característica física + habitat); Goleiro do morro (característica física + habitat); Papa-capim baiano (hábitos + característica física pescoço preto); Papa-capim do bico amarelo (hábitos + característica física); Papa-capim do bico roxo (hábitos + característica física); Papa-capim do brejo (hábitos + habitat); Papa-capim da laranjeira (hábitos + habitat); Papa-capim golinha

(hábitos + característica física); Trinca-ferro bom dia seu Chico (hábito + canto); Trinca-ferro bom dia seu chico oi (hábito + canto); Trinca-ferro que que eu fiz meu Deus oi (hábito + canto)

## Anexo II

### Glossário

Lidar com passarinhos, ter uma vivência prática acima de tudo discutir a cerca desses pequenos animais, fez com que o homem desenvolvesse códigos próprios que exigem explicações para aqueles que se encontram fora daquele contexto:

**Amarrar ninhos** - Procurar ninhos de passarinhos e/ou vigiá-los para que nasçam os filhotes para apanhá-los (Macaé).

**Armar o passarinho** - Prepará-lo para cantar em movimento de desafio (Niterói).

**Canto de cidade** - Diz-se que o passarinho, ao ser preso, quase invariavelmente modifica o canto, adquirindo então o "canto da cidade" (Macaé).

**Canto de fim** - último canto dado pelo passarinho, ao encerrar a cantoria (Macaé).

**Canto original** - Ver canto silvestre.

**Canto silvestre** - Também chamado canto original, é aquele ostentado pelos pássaros, quando em liberdade (Macaé).

**Canto de troque** - Canto dos passarinhos que estão na "vira" (Macaé).

**Cativeiro** - Gaiola (Macaé).

**Ceva** - Local para cevar o passarinho (Geral).

**Cevar** - Alimentar os passarinhos em determinado lugar (ceva), para capturá-los mais tarde (Geral).

**Ceveiro** - O mesmo que ceva (Paraíba do Sul).

**Chama** - Passarinho preso numa gaiola, utilizado para atrair outros passarinhos, pelo seu canto (Geral).

**Comidia** - Alimentação que se coloca em alçapão para atrair o pássaro (Saquarema).

**Estar no ponto** - Diz-se do passarinho que se encontra em um determinado local onde é sempre visto cantando (Macaé).

Fazer a produção - Reproduzir-se (Geral).

**Muda** - Renovação anual de penas e bico dos passarinhos (Geral).

**Piar passarinho na garganta** - Arremedar o canto dos passarinhos (Cabo Frio).

**Passarinho armado** - Diz-se do passarinho que colocado em desafio com outro passarinho, está cantando (Cantagalo).

**Passarinho de gaiola** - Tipo de passarinho que se costuma prender em gaiolas (Geral).

**Passarinho frio** - Quando não está cantando, diz-se que "o passarinho está frio" (Macaé, Cantagalo, Carmo).

**Passarinho quente** - Passarinho que quando preso canta muito. Diz-se "o passarinho está quente" (Macaé, Cantagalo, Carmo).

**Ponto** - Determinado local onde um passarinho é sempre visto cantando (Geral).

**Trocar de canto** - Diz-se da transformação sofrida no canto de um passarinho por ocasião da "vira" (Macaé).

**Tutuízeozéo** - Canto do papa-capim, principalmente na região de Campos, "é canto quase de cidade" (Macaé, Campos).

**Vira** - Fase da vida de um passarinho, em que se torna adulto (Geral).

**Virar** - Tornar-se adulto (Geral).

# Bibliografia

## Siglas das bibliotecas:

**BN** - Biblioteca Nacional

**BMN** - Biblioteca do Museu Nacional

**BERJ** - Biblioteca Estadual do Rio de Janeiro

**BMEC** - Biblioteca do Ministério da Educação e Cultura

**BIBGE** - Biblioteca do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

BERLA, HERBERT FRANZONI. Lista das aves colecionadas em Pedra Branca. Paraty-RJ. Rio de Janeiro, Boletim do Museu Nacional Zoologia n.º 18, 1944, 21p. 11. em preto e branco BMN P 591 B 46

BRITTO, PEDRO DE M. Ninhos e ovos de algumas aves brasileiras e dados sobre a reprodução em cativeiros. Rio de Janeiro, Revista Brasileira de Biologia n.º 10 (3), 1950. 315 331p BMN P 574 B 8

BAERG, H. Aves e animais, sua vida e suas aventuras, Casa Pub Brasileira, Santo André. 7 V II (Série natureza) Suplemento da Revista "Nosso Amiguinho". 1971 BN V-192,6,6

COSTA, J. WILSON DA. Os pequenos amigos da agricultura. São Paulo Secretaria de Agricultura, 1914. '118p. II. em preto e branco BN 630.8 B 428 p

COIMBRA FILHO, ADELMAR F. e ALFRIGHI, ANTÓNIO D. A. Restauração da Fauna do Parque Nacional da Tijuca. Rio de Janeiro, Publicação Avulsa do Museu Nacional n.º 57, 1971. II. Preto e branco e colorida. BIBGE 777.4 DR 66 C 679

CIÊNCIAS, ACADEMIA BRASILEIRA DE. Espécies da Fauna brasileira ameaçadas de extinção. Rio de Janeiro, 1972. 175p. li. Em preto e branco. BMN 591.042 BN E 77 V-188,1,4

DESCOURTILZ, JEAN THÉODORE Beija-flores do Brasil, Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 1960 50p. II coloridas. BN Iconografia A R M 13.1.6 F o 5982981 D 448

\_\_\_\_\_. Ornitologia brasileira ou História natural das aves do Brasil. notáveis por sua plumagem, canto e hábitos. Rio de Janeiro São Paulo, Livros Kosmos, 1º ed. brasileira, 1944. 228p. e atlas 37 cm II. Coloridas 2 V. 598.2 D 774 Iconografia 41.1.1.1 e 41.1.1.2

DELAMAIN, JACQUES. As aves cantam. Por quê? BN 598.2 D 336 p7

EULER, CARLOS. Descrição de ninhos e ovos das aves do Brasil São Paulo, Revista do Museu Paulista n.º 4, 1900. 164p. Não possui ilustrações. Anexo: Artigo do Dr. H. Von Ihering, sobre as aves de Cantagalo e Nova Friburgo. BMN P 500.1 R. 11

GUANABARA, Centro de Pesquisas Florestais e conservação da Natureza. Aves da Restinga, Rio de Janeiro, 1962. 49p. II. Coloridas. BN cenografia 84.5.19 BMN 598.2981 G 913

GOELDI, EMÍLIO AUGUSTO. As aves do Brasil, Rio de Janeiro São Paulo. Livraria Clássica Alves Cia., 1894. 66 p. Monographias Brasileiras II. BMN 598.2981' G 595

IHERING, RODOLPHO VON. Dicionário dos Animais do Brasil. São Paulo. Ed. Universidade de Brasília, 1968. 790p. II. Coloridas e preto e branco. BN Referência 591.81 I 25 d

\_\_\_\_\_. Dicionário dos Animais do Brasil. São Paulo. Instituto Biológico do Estado de São Paulo. 199-318p. II. Em preto e branco. BN II - 413,7,4

\_\_\_\_\_. Da vida dos nossos animais (Fauna do Brasil). Rio Grande do Sul. Rotermond Co. S. Leopoldo, 1934. 319p. II. Em preto e branco. BN 590 25 d

KERR, AMÉRICO F. S. Anotações sobre a vida de alguns passarinhos e aves (Trab. feito quando cursava o ginásio) Ribeirão Preto, São Paulo. Instituto Otoniel Motta, 1966. 29f. (datilografado). BMN 598.2 K 41

MEC Aves (Enciclopédia Infantil Brasileira), Rio de Janeiro. Artes Gráficas Gomes de Souza S. A. 1963. 283p. II. Coloridas. BN Iconografia 8.3.14

MAGNANINI, ALCEO. Avifauna da Reserva Biológica de Jacarepaguá. Rio de Janeiro. Vellozia Vol. 1 n.º 4, 1964. 147-165p. n.1 BMN P 634.9 V. 1

MOTA, MAURO. Os bichos na fala da gente. Pernambuco. Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais MEC, Recife-PE. 1969. 235p. BN 20,3,16

NOVAES, FERNANDO C. Sobre as aves de Sernambetiba, Rio de Janeiro. Revista Brasileira de Biologia n.º 10 (2) 1950. 199-208p. BMN P 574 R 8

\_\_\_\_\_. Sobre as raças geográficas de *Philidor rufus* (Vieillot) no Brasil (Furnariidae, Aves). São Paulo. Papéis Avulsos do Departamento de Zoologia. Secretaria de Agricultura, Vol. XIV 1964. 337p. Não possui ilustrações. BMN P 591 P 2

PINTO, OLIVÉRIO MÁRIO DE OLIVEIRA. Catálogo das Aves do Brasil e Lista dos exemplares existentes na coleção do Departamento de Zoologia. São Paulo.

1938. Não possui ilustrações. V. 1. Subtítulo: Lista dos exemplares existentes no Museu Paulista. BMN 598.2 048.

\_\_\_\_\_. Catálogo das Aves do Brasil. 2a Parte Ordem Passeriformes (continuação). São Paulo. Departamento de Zoologia da Secretaria de Agricultura Indústria e Comércio. 1944. 700p. Não possui ilustrações. BN 598.2981 P 659 c BMN 598.2 P 659

RUSCHI, AUGUSTO. Os nomes vulgares dos beija-flores do Brasil (Trochilidae Aves) Boletim do Museu de Biologia Prof. Mello Leitão. Santa Teresa, Espírito Santo. Série Divulgação n.º 5. 1963. 10p. Não possui ilustrações. BMN P 574 B4

\_\_\_\_\_. A cor preferida pelos beija-flores e a percentagem de açúcar preferida pelos mesmos na solução de água açucarada. Espírito Santo. Boletim do Museu de Biologia Prof. Mello Leitão n.º 2, 1953. BMN P 574 B 4

\_\_\_\_\_. Chaves analíticas e artificiais para a determinação dos gêneros e espécies de Beija-flores do Brasil, com resumida descrição Série Divulgação n.º 1, Espírito Santo. i 960. 28p. II. Em preto e branco. P 574 B4

\_\_\_\_\_. Observações sobre a nidificação, incubação e cuidados com a prole em Colibri. Espírito Santo. In. Boletim do Museu de Biologia Prof. Mello Leitão n.º 45, 1965. BMN P 574 B 4

\_\_\_\_\_. A atual distribuição geográfica Bourcier, E. S. Boletim do Museu de Biologia - Prof. Mello Leitão n.º 46, 1965. BMN P 574 B 4

\_\_\_\_\_. A posição mantida no ninho pelas fêmeas dos Beija-flores durante a incubação. Espírito Santo. Boletim do Museu de Biologia Prof. Mello Leitão, n.º 48, 1965 BMN P 574 B 4

\_\_\_\_\_. Os nomes vulgares dos Beija-flores do Estado do Rio de Janeiro. Espírito Santo. Boletim do Museu de Biologia Professor Mello Leitão Série Divulgação n.º 30, 1965, 3p. BMN P 574 B 4

\_\_\_\_\_. Os nomes vulgares dos Beija-flores do Rio de Janeiro (Capital) antiga Guanabara. Espírito Santo. Boletim do Museu de Biologia Prof. Mello Leitão, Série Divulgação n.º 31, 1965. 3p. BMN P 574 B 4 \*

\_\_\_\_\_. Algumas observações sobre a migração dos Beija-flores no Brasil. E. S. Boletim do Museu de Biologia Prof. Mello Leitão Zoologia n.º 28, 1967. 5p. BMN P 591 B 1

\_\_\_\_\_. A plumagem e a muda em Beija-flores. Espírito Santo. Boletim do Museu de Biologia Prof. Mello Leitão, Zoologia n.º 27, 1967. BMN P 574 B 4

\_\_\_\_\_. Algumas doenças observadas nos Beija-flores. Espírito Santo. Boletim do Museu de Biologia Prof. Mello Leitão, n.º 50, 1967. BMN P 574 B4

RUSCHI, AUGUSTO. Beija-flores das matas, dos scrubs, savanas, dos campos, E. S. Boletim do Museu de Biologia Prof. Mello Leitão, n.º 51, 1967. BMN P 574 B4

SCHIRCH, PAULO F. Uma colônia de ninhos de Guaxe Teresópolis-RJ. Rio de Janeiro. Boletim do Museu Nacional n.º 7, 1931, 29-33p. II. Em preto e branco. BMN P 500.1 B 88

SICK, HELMUT. Anotações sobre cucos brasileiros (cuculidae, Aves) Rio de Janeiro. Revista Brasileira de Biologia n.º 13 (2) 1953. 145-168?. Não possui ilustrações. BMN P 574 R 8

\_\_\_\_\_. Gaudério "Molothrus Bonariensis" (Gmelin) (icteridae, AVes). Rio de Janeiro. Fundação Brasil. Central. Revista Brasileira de Biologia n.º 18 (4) 1958. 417-431 p. Não possui ilustrações. BMN S 566.

\_\_\_\_\_. O Bacurau Caprimulgus Longirostris Bon. E outras aves noturnas da Guanabara. Rio de Janeiro. Revista Vellozia. Vol. 1 n.º 3, 1963. 107-116p. II. Em preto e branco. BMN P 634.9 V 1

\_\_\_\_\_. Sons emitidos pelas aves independentemente do órgão vocal. Rio de Janeiro. Separata do Vol. 37 n.º 1 dos "Anais da Academia Brasileira de Ciências". 1965. 132-140p. BMN S 566

\_\_\_\_\_. Contribuição para o conhecimento da alimentação das aves brasileiras. Arquivos de Zoologia Vol. 12, 1965. BMN P 591 A5

\_\_\_\_\_. Sobre a espécie existente de Estrida (PIocidae, aves) o chamado Bico de Lacre, no Brasil Separata do Vol. 38 n.º 1 dos Anais da Academia Brasileira de Ciências. 1966. BMN P 506.08

\_\_\_\_\_. Escravidão em aves brasileiras. Rio de Janeiro. Arquivos do Museu Nacional. Col. n.º 52, 185-192p. BMN P 500.1 A 62

\_\_\_\_\_. As aves do Rio de Janeiro (Capital) Lista sistemática anotada por Heimut Sick e L. F. Pabst. Rio de Janeiro. Ed. Universidade Federal do Rio de Janeiro. In: Arquivos do Museu Nacional. Vol. 53, 1968. 99-160p. BMNP/500.1 A 62

SILVEIRA, ESTANISLAU KOSTKA P. DA. Ocorrência de algumas espécies de aves e mamíferos da região da Lagoa de Marapendi, integrada na biota local. Rio de Janeiro. Boletim Geográfico Conselho Nacional de Geografia, Instituto



Brasileiro de Geografia e Estatística. 1965. 734-740p. II. Em preto e branco. BMN P. 910 B 13

SANTOS, EURICO. Da Ema ao Beija-flor (vida e costumes das aves do Brasil) Rio de Janeiro. F. Briguiet, 1938. 358p. II. Coloridas. BMN II - 339,5,31 BMN 598.2981 S. 237

\_\_\_\_\_. Da Ema ao Beija-flor. Rio de Janeiro, 1952. 334p. 2 ed. Rev. e ampliada. F. Briguiet. BMNII - 58,3,38 BMN - BMEC 598.2 S. 237

SANTOS, EURICO. Pássaros do Brasil (vida e costumes) Rio de Janeiro. F. Briguiet, 1948. 301 p. II. Coloridas e em preto e branco. BMN Referência 598.2981 S. 237 P BMCE Referência 598.2981 S. 237 598.2 S. 237

\_\_\_\_\_. Pássaros do Brasil (vida e costumes). Rio de Janeiro. P. Briguiet, 2 ed. Rev. e ampl. 1948. 227p. II. Coloridas e preto e branco. BERJ 598.2981 S. 237 P

\_\_\_\_\_. Pássaros do Brasil (vida e costumes) 3 ed. Rev. e ampl. Rio de Janeiro. F. Briguiet, 1960. 281 p. 2f. II. Coloridas. BERJ 598.2 S. 237

\_\_\_\_\_. Animais Silvestres que nos são úteis. Rio de Janeiro. Edições SIA Serviço de Informação Agrícola Ministério da Agricultura, Clubes Agrícolas n.º 27, 1961. 80p. II. Em preto e branco. BERJ ;RJ 639 S. 237 a

\_\_\_\_\_. Histórias, Lendas e Folclore de Nossos Bichos. Rio de Janeiro. Ed. O Cruzeiro, 1957. 409 p. Não possui ilustrações. BERJ 398.24 S 237 h BN II - 272,2,3

\_\_\_\_\_. Histórias, Lendas e Folclore de Nossos Bichos. Rio de Janeiro. Coleção Brasileira de Ouro, Ed. de Ouro. 1967. 407p. Ilustrações-Poty. BN IV - 160,1,3

SANTOS, EURICO e EUSEBIO DE QUEIRÓS. Dicionário de Avicultura e Ornitotecnica Copyright By "O Campo" 448 p. II. Em preto e branco. BN Referência 598.203 S. 237

TERGUSON, WALTER. Aves, muitas. Rio de Janeiro. Ao Livro Técnico. 1968. 24p. il/livro dourado. BN V - 117,4,8 n 3

VIEIRA, CARLOS OCTAVIANO DA CUNHA. Nomes vulgares de aves do Brasil, São Paulo. Revista do Museu Paulista n.º 20, Univ. de São Paulo Tomo XX 1936. 434 489p. Não possui ilustração. BMN P 500.1 R 11